

TRANSGRESSÕES DO CORPO: SEXO E VIOLÊNCIA NA AMAZÔNIA

Valdemar Valente Junior (UCB)¹

AUGUSTO, Edyr. *Pssica*. São Paulo, Belém: Boitempo, Sumauma, 2015, 92 p.

A realidade amazônica potencializa sua tragédia a partir da prostituição infanto-juvenil como uma extensão da riqueza advinda da devastação da terra. Sob o signo da exploração, a carne humana nada vale no varejo do desmatamento ilegal e dos garimpos clandestinos. Assim, a cidade de Belém vivifica uma violência contrastante com a exuberância da natureza que grita aos ouvidos e ofusca os olhos do visitante. Diante do que sugere esse cenário, efetiva-se uma beleza que contraria a exploração humana apresentada em *Pssica*, romance de Edyr Augusto, que se atém a um determinado plano mimético voltado para os elementos mais verossímeis da injustiça como referência dessa realidade. Nesse contexto, a narrativa encaminha o leitor em direção a acontecimentos que aparentemente dizem respeito apenas às grandes metrópoles do Sudeste, ao apresentar outra face do país que difere da ideia do paraíso natural de uma Amazônia idealizada.

As cenas de sexo de Janalice com Fenque, seu namorado, circulam nos celulares em sala de aula, dando início ao calvário da menina expulsa de casa, molestada e agredida por Célio, namorado da tia Daiane. Exposta ao ambiente das ruas, o contato com Dionete e seu amante a faz experimentar o crack, quando, a partir da interferência dessa dupla, é sequestrada e colocada a serviço de uma rede de prostituição. Como sequência da narrativa, Manoel Tourinhos, o Portuga,

¹ Professor Assistente da Universidade Castelo Branco e da Faculdade Paraíso. Doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ. Pós-Doutorado em Literatura Brasileira pela UERJ. Rio de Janeiro – RJ – Brasil. E-mail: valdemarvalente@gmail.com.

angolano de nascimento, chega ao Pará, depois de uma passagem por Portugal, fugindo da revolução em seu país. Em Marajó fixa residência, conhecendo Ana Maura, nativa com quem se casa. Ao instalar-se e abrir um armazém, em certa noite é assaltado por um grupo de ratos d'água que invade seu estabelecimento levando-lhe a mulher, que seria fuzilada, tendo seu corpo esquartejado e jogado ao rio. A vingança de Portuga, em busca de desbaratar essa quadrilha, constitui-se na saga a que se alia ao infortunado de Janalice.

Assim, tem efeito a tessitura de uma narrativa que aponta o crime como realidade que repete-se em diferentes vieses da contemporaneidade. Seu princípio segue a tendência predominante de representar o colapso das relações em todas as instâncias. A adolescente filha de um cobrador de ônibus, induzida à prostituição, responde à falta de expectativas de uma sociedade à deriva, tendo em vista o quadro que envolve a divisão injusta das riquezas do país entre os mais pobres. Desse modo, as associações criminosas encontram espaço em uma perspectiva que lhes confere a condição de trazer à cena suas personagens, mimetizando elementos da realidade brasileira como tipificações da situação presente, a partir do conflito como parte da precariedade que as formas do capitalismo dependente acabam por fixar.

A escatologia em *Pssica* dá conta de um sistema que funciona em nome do crime como regra, em territórios onde a lei é um objeto de decoração. Diante da impunidade, legitimada na ausência do poder, a barbárie assume lugar definido. A violência aliada à exploração sexual vitaliza-se a partir de grupos com interesses opostos, mas que expressam expectativas comuns. Assim, o cenário de ação da narrativa concentra acontecimentos que dão a ideia de um universo desviante, integrado ao conceito de hiper-realismo, quando os episódios induzem à descrença de seu caráter verossímil. O clímax da brutalidade sem limites tende a pôr em xeque a legitimidade do que se representa, havendo, no entanto, uma relação estreita entre as descrições contidas no texto e o ambiente de degradação e barbárie que se apresenta como tragédia social.

Desse modo, *Pssica* aprofunda o abismo onde a desagregação da condição humana atinge níveis inimagináveis. Ladrões de carga, contrabandistas, matadores de aluguel e mulheres de programa convivem com a prostituição infanto-juvenil, a que se aliam o tráfico e o consumo de drogas como termos integrantes dessa situação. A isso coaduna-se também a violência como forma de rebaixamento de suas vítimas, querendo isso transparecer uma espécie de conflito de classes que busca por métodos espúrios evidenciar a insânia de seus algozes. Não seria diferente, portanto, o requinte de perversidade e de humilhação contra os que já se encontram em desvantagem, ou sejam, os menores expostos a situações de risco, que praticam sexo em troca de dinheiro para a compra do crack, o que também vitimiza-os de modo brutal.

O desaparecimento de Janalice traz à luz a figura de Amadeu, policial aposentado que atua como detetive. Por meio do engraxate Joca, informa-se a respeito de uma mulher que agencia a prostituição para a Guiana Francesa e para o Suriname, logo em seguida assassinada. No Pará, esse comércio alimenta o mercado de Portel, Breves e Melgaço, esta última detentora do menor IDH do país. Do mesmo modo que Amadeu investiga o desaparecimento de Janalice, Portuga busca os algozes de Ana Maura. Assim, as buscas chegam à prostituição de menores, a partir

de meninas molestadas e vendidas pelos próprios pais. No entanto, Portuga e Zé do Boi certificam-se de que todos os bandidos já morreram, faltando apenas Pitico e Preá. Na viagem de barco, Zé do Boi fala do amor por Ana Maura e de sua vontade de matar o Portuga. Um pensa em matar o outro, mas desistem da ideia e resolvem ir até o fim na vingança comum.

Janalice, que agora atende pelo apelido de Jane, encontra-se em Breves, a serviço de uma quadrilha de bandidos, antes de seguir para a Guiana Francesa. A prostituição envolve um vasto número de políticos, traficantes e receptadores. No entanto, a festa promovida pelo prefeito acaba com uma batida da polícia e várias prisões. Janalice segue para Caiena, mesmo diante dos pedidos de Preá, que queria comprá-la a Philippe, agente do mercado de mulheres. O detetive Amadeu chega a Breves, em busca de informações, mas é assassinado. Com a ação da polícia, Preá foge para um garimpo na Guiana Francesa, de lá para Caiena, a capital, onde encontra Janalice, por quem se apaixonara em Breves. Prostituída, a menina é submetida a um leilão a quem quiser pagar mais por vinte minutos com ela. Sem dinheiro, por ainda não ter trocado o ouro por euros, Preá vê Janalice servir de objeto sexual a um surinamês.

O Portuga fica noivo de Angela, filha do dono do supermercado São Cristóvão, onde trabalha duro para esquecer Ana Maura. Preá tem seu ouro roubado por Thérèse, a quem trouxera do garimpo, e Claudia, brasileira que vive em Caiena, sendo assassinado ao tentar libertar Janalice do chinês Suki, dono da boate Le Coq D'Or. Na peripécia em torno da fuga, Janalice é atropelada por um táxi, a serviço do consulado do Brasil, que lhe presta socorro e proteção legal. Em seguida, Portuga e sua noiva, em companhia de um casal amigo, com quem viaja, vai ao consulado brasileiro em busca de vistos, reencontrando Janalice, que lhe pedira socorro em Breves. Longe de ser escrava sexual, ali trabalha. Fala muito pouco e tem dificuldade em reconhecer as pessoas, aguardando a legalização de seus papéis para voltar ao Brasil.

Diante disso, a narrativa reafirma seu argumento, tendo em vista o conceito de hipertexto que a ela se impõe como marca da contemporaneidade. A carga de transgressão que se apresenta em seu transcurso repercute para que se confira ao texto uma condição própria ao vazo de denunciar as formas da desigualdade humana. A Amazônia idealizada converte-se em purgatório onde a expiação atinge o corpo físico como um dos sintomas da violência que se banaliza ao limite extremo. Assim, não há como deixar de considerar esses elementos, uma vez que *Pssica*, na busca por realizar a tarefa inglória de dar sentido ao caos, tenta reorganizar a ordem das coisas que se dispersam. Por conta disso, um simples tropeço pode causar marcas definitivas, que se mostram como feridas abertas, para as quais não há remédio.

RESENHA RECEBIDA EM 26/11/2016 E APROVADA EM 30/01/2017